



Nº 1 - AGOSTO / 2011
A REVOLTA DOS BÚZIOS

DIALÓGOS

COM A SOCIEDADE

INFORMATIVO DA SECRETARIA DE PROMOÇÃO DA IGUALDADE RACIAL



A Secretaria de Promoção da Igualdade Racial participou e promoveu uma série de ações nesse mês de agosto que comemora a Revolta dos Búzios.



Convidados da Sepromi no lançamento dos Projetos

SEPROMI CELEBRA A REVOLTA DOS BÚZIOS E LANÇA PROJETOS

Ciente da importância que o mês de agosto tem para comunidade negra e para história da Bahia, a Sepromi escolheu o mês para lançar os projetos: “Rede de Combate ao Racismo e à Intolerância Religiosa” e “Municipalizando a Política de Promoção da Igualdade Racial no Estado da Bahia”, no dia 8 de agosto de 2011, no Hotel Portobello, em Ondina.

Na oportunidade, a ministra-chefe da Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), Luiza Bairos, comentou a participação em massa do público que lotou o salão. “Fico feliz em ver não só as autoridades, mas também muitos representantes da sociedade civil envolvidos neste lançamento, pois a ideia de trabalhar em rede, numa articulação horizontal, possibilita ações políticas coordenadas, construindo assim, um novo patamar para a política de igualdade racial”.

Representando o governador do Estado da Bahia Jaques Wagner, o secretário de Promoção da Igualdade Racial, Elias de Oliveira Sampaio, falou sobre o processo de desdobramento dos projetos: “Esses dois projetos funcionarão como eixo estruturante para nortear as novas ações da Sepromi. Nós não estamos sozinhos, todos aqui presentes são importantes na construção desses projetos, para que trabalhe de forma sistematizada, articulada e sistêmica”.

MARCA – A Sepromi antecipou as comemorações do Novembro Negro para agosto, mês em que é comemorada a Revolta dos Búzios e, ao final do evento, promoveu o lançamento da marca “2011 Negro – Ano Internacional dos Afrodescendentes”.

Esse símbolo, cuja concepção foi baseada na identidade visual da marca “NOVEMBRO NEGRO”, fortalece o compromisso político em erradicar a discriminação racial e ajuda a fomentar a campanha de âmbito internacional, que foi criada pela Assembléia Geral da Organização das Nações Unidas (ONU), com intuito de assegurar os direitos legais da cidadania plena para indivíduos de descendência africana.

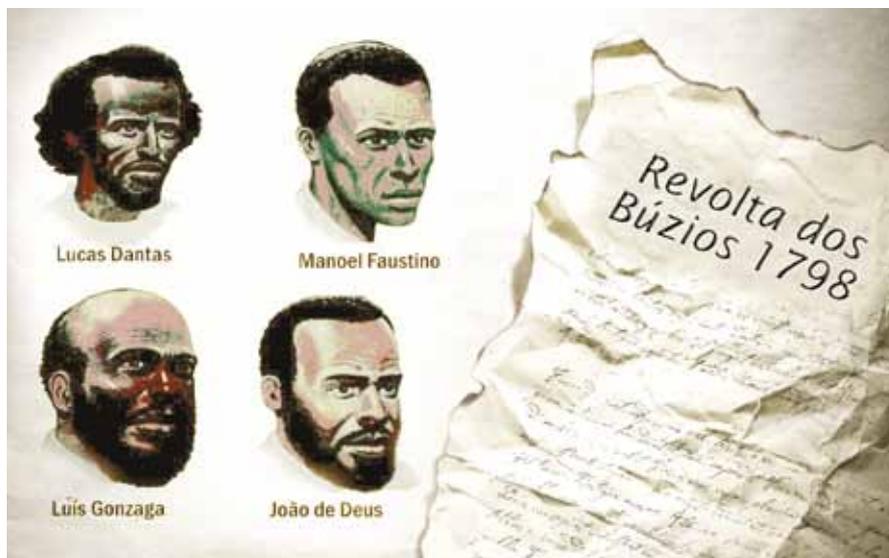
Os trinta e três municípios que fazem parte do Fórum Estadual de Gestores (as) Municipais de Promoção da Igualdade Racial, bem como gestores das Secretarias de Estado, a exemplo da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos, da Educação, de Desenvolvimento Social e Combate à Pobreza, em especial, instituições, representantes de diversos municípios e de movimentos sociais estiveram presentes ao evento e conferiram, em primeira mão, este lançamento.



DATAS AFRO-BRASILEIRAS

Com o objetivo de notabilizar as datas do ano que tem alguma importância histórica na identidade do povo negro, a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi) pôs em prática o projeto: "Sepromi comemora datas afro-brasileiras" e o fato histórico aqui referido, A Revolta dos Búzios, foi tema de mais uma edição do cartão comemorativo.

"Nós precisamos celebrar esse movimento com altivez e queremos que agora o resto do Brasil comemore essa epopeia dos afro-brasileiros da Bahia, pois eles deram suas vidas pela liberdade e isso está documentado em nosso Arquivo Público", falou João Jorge, o presidente do Olodum, referindo-se aos quatro mártires da Revolta.

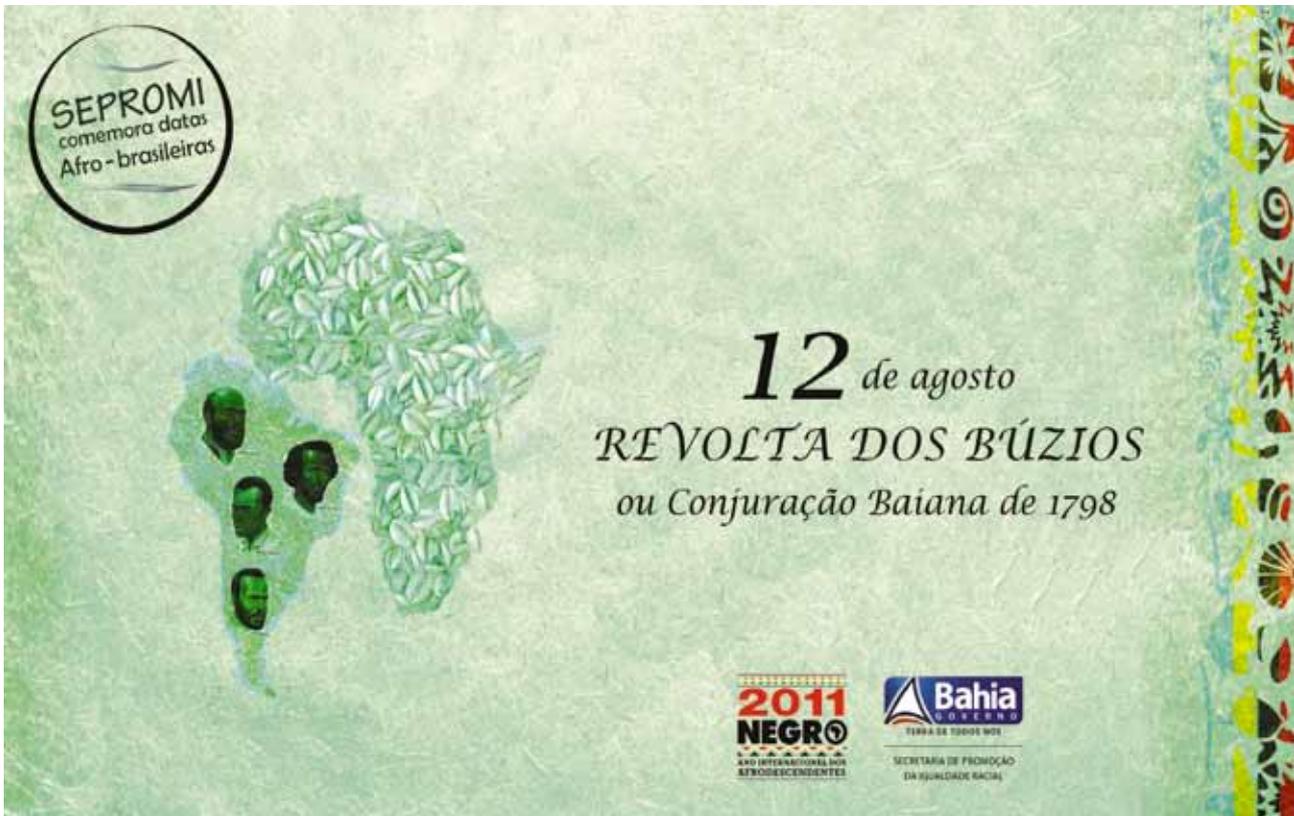


Cineasta Antônio Olavo apresenta o Projeto ao secretário Elias Sampaio

CALENDÁRIO

O documentarista Antônio Olavo apresentou à Sepromi o projeto de um calendário sobre a Revolta dos Búzios que contará de maneira detalhada o fato histórico. "Meu objetivo é utilizar a linguagem de textos e imagens na perspectiva de resgate da memória negra e popular, pois se trata de um acontecimento significativo para Bahia e para o Brasil", disse o cineasta. O filme-documentário está em fase de produção e é denominado "Revolta dos Búzios".

A pesquisa aprofundada dos acontecimentos históricos relacionados à comunidade negra sempre nortearam o documentarista baiano, que já dirigiu os filmes: "Paixão e Guerra no Sertão de Canudos" (1993), "Quilombos da Bahia" (2004) e "Abdias do Nascimento: Memória Negra" (2008).



FPC – A Fundação Pedro Calmon (FPC), da Secretaria de Cultura, realizou uma programação especial no dia 12 de agosto no Palácio Rio Branco. Uma exposição interativa com documentos textuais, manuscritos e livros raros sobre a temática e uma conferência para debater a importância de celebrar a memória dos líderes negros fizeram parte da programação.

Antes de chegar ao Palácio Rio Branco, os meninos e meninas da Banda Mirim do Olodum animaram a caminhada que celebrou os 213 anos da Conjuração Baiana, Revolta dos Alfaiates ou Revolta dos Búzios.

SEPPIR – O lançamento de Selo Personalizado e o Carimbo Comemorativo aos heróis da Revolta dos Búzios foi realizado no dia 26 de agosto, na sala de reunião do governador. O evento, promovido pela Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir) em parceria com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi), teve como objetivo fortalecer a valorização da cultura negra, em âmbito nacional, a partir do ato da presidenta Dilma Rousseff que reconheceu a importância desses heróis negros para o Brasil, por meio da Lei Federal nº 12.391, sancionando no dia 04 de março de 2011, incluindo o nome dos quatro líderes da Revolta (Lucas Dantas, Manoel Faustino, Luiz Gonzaga e João de Deus) no Livro dos Heróis Nacionais.



Convidados da Fundação Pedro Calmon no Palácio Rio Branco



Banda Mirim do Olodum na frente do Palácio Rio Branco



**SALVADOR
EM FINAIS
DO SÉCULO
XVIII**

A Revolta dos Búzios, Revolta dos Alfaiates ou Revolta das Argolinhas recebeu estes nomes devido ao fato dos revoltosos usarem um búzio preso à pulseira para facilitar a identificação entre si, por usarem uma argola na orelha com o mesmo fim e também porque alguns dos principais conspiradores eram alfaiates.

**JOÃO DE DEUS DO
NASCIMENTO**



A Cidade de Salvador deixou de ser a capital da colônia portuguesa em 1763, mas permaneceu sendo uma metrópole colonial, o que significa dizer que a cidade continuou a crescer e, ao final do século XVIII, contava com cinquenta mil habitantes, a maioria de negros e mestiços. Segundo Luís Henrique Dias Tavares, a população de Salvador era composta por um terço de brancos e índios e dois terços de negros e mulatos, e, como afirma István Jancsó, tratava-se de uma sociedade muito hierarquizada. Na disputa por cargos públicos, os brancos portugueses levavam vantagem por serem europeus. Mesmo os mais pobres se valiam da condição de reinóis (nascidos em Portugal) para reivindicarem os cargos mais lucrativos e importantes, principalmente no serviço público, comércio, oficialato militar e funções eclesiásticas.

Para a maior parte da população de Salvador, os descendentes de africanos (fossem livres, libertos ou escravos), esta cidade era a própria prisão. Locais onde eles eram constantemente menosprezados, ocupando os piores postos de trabalho, estavam o povo mecânico e os escravos. Os livres ou libertos exerciam, na prática, as mesmas funções dos cativos, mas procuravam diferenciar-se deste. Havia duas possibilidades para esta parcela da população sair da condição em que se encontrava: deixar a cidade ou conquistá-la, como fizeram os haitianos no Caribe.

A estrutura governamental portuguesa apenas ratificava a estratificação social na cidade de Salvador e, por privilegiar sempre os habitantes europeus da colônia, acabava por acirrar as disputas entre os demais grupos populacionais contra os reinóis. Esse era mais um motivo para os colonos naturais da Bahia pensarem que o Estado português não representava os seus interesses, sendo essa a justificativa para as revoltas que ocorreram no final do século XVIII.

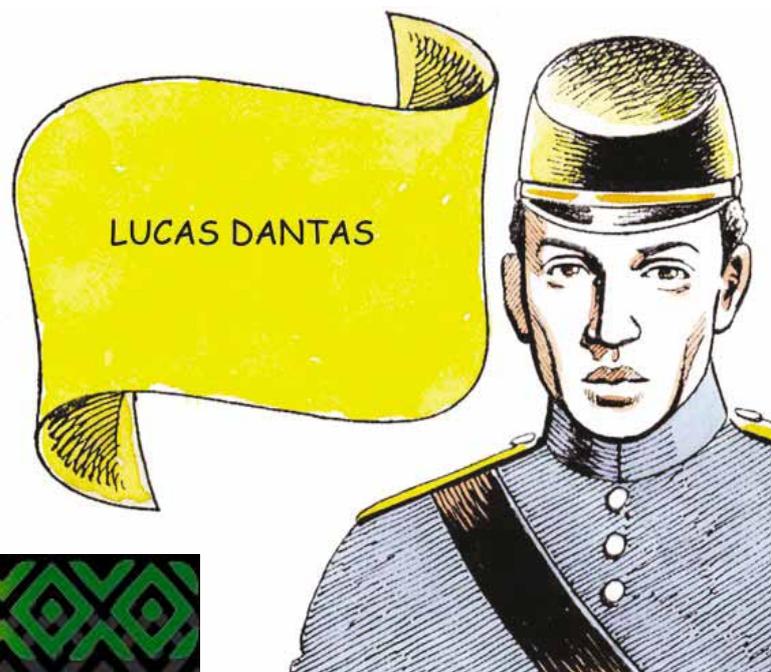
Com a Revolta dos Búzios não foi diferente; as ideias da Revolução Francesa – ainda em curso na Europa – conseguiram chegar à Bahia através dos viajantes franceses que aportaram na capitania no período e nos escritos trazidos pelos estudantes de Coimbra, sendo traduzidos e disseminados pela cidade. Os desejos de igualdade, fraternidade e liberdade conseguiram unir os diversos setores da sociedade baiana, de brancos da terra e em especial os negros libertos, que sofriam mais diretamente o peso da opressão do governo português. Eles queriam destruir as barreiras que impediam que tivessem poder de representação no Estado e ampliassem as possibilidades de ascensão social. Por isso mesmo o tipo de governo escolhido pelos revoltosos foi a república, na qual todos, independente da cor da pele ou do local do nascimento, eram iguais perante a Lei.

Esses ideais motivaram as ações de Luiz Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas do Amorim Torres, Manuel Faustino dos Santos Lira e João de Deus do Nascimento, os líderes da Revolta dos Búzios. Liberdade e igualdade foram palavras muito repetidas nos boletins que amanheceram espalhados por Salvador em 12 de agosto 1798. Nestes manifestos os insurgentes discutiam sobre os principais temas de desacordo entre a metrópole e a colônia. Os textos falavam sobre a liberdade como o único estado em que os homens poderiam ser iguais; sobre como somente a abertura dos portos seria capaz de diminuir a crise econômica vivida pela capitania; tratavam ainda do descaso da coroa portuguesa em relação à população da Bahia e que só preocupava-se em coletar os impostos; e pregavam que só sob o regime republicano as pessoas poderiam ser iguais perante a lei, incluindo os negros e pardos como cidadãos.

Dez dos onze boletins encontram-se ainda hoje no Arquivo Público do Estado da Bahia (um deles foi queimado antes de chegar às mãos do governador D. Fernando José de Portugal e Castro). Este encarregou ao desembargador Manoel Magalhães Pinto Avellar de Barbedo de dar início à devassa para descobrir os autores de tais escritos. Um dos primeiros homens a ser preso foi Luiz Gonzaga das Virgens, em sua casa foram encontradas cópias de textos franceses proibidos em Portugal e na colônia. Após essa prisão, Lucas Dantas decidiu fazer uma reunião no Campo do Dique no Desterro, no dia 25 de agosto, para, juntos com outros, descobrirem se teriam apoio o suficiente para dar início à revolução, mas o encontro foi denunciado. João de Deus foi preso um dia após o encontro; Lucas Dantas e Manuel Faustino fugiram, mas também acabaram presos.

As penas foram definidas no dia 05 de novembro de 1799. Todos foram acusados de alta traição à coroa portuguesa e condenados à morte na forca e esquartejamento, pena executada no dia 08 de novembro de 1799. Os demais foram condenados a penas de degredo, prisão ou chibatadas.

Ana Luiza Araújo Caribé de Araújo Pinho
Historiadora





Professor e escritor
Luís Henrique Dias
Tavares

ENTREVISTA

O historiador e escritor baiano, natural de Nazaré das Farinhas, Luís Henrique Dias Tavares tem 85 anos e mais de 50 deles dedicados a pesquisas sobre a participação baiana no processo de independência do Brasil. É professor emérito da Universidade Federal da Bahia (UFBA), com pós-doutorado pela Universidade de Londres. Dentre suas obras estão "História da Bahia" e "A Independência do Brasil na Bahia", além de contos, crônicas e novelas.

1- Qual a importância atual da Revolta dos Búzios e quais lições ela pode dar para as lutas políticas e sociais dos nossos dias?

A sedição de 1798, como prefiro chamar por ser um ato que desafiava a autoridade do rei de Portugal, foi um dos maiores movimentos armados de luta pelo fim da escravidão, pela independência da Bahia com relação a Portugal e pelos direitos do trabalhador. É preciso que todos saibam que os baianos também estiveram na construção da independência do Brasil. Mas, apesar das lutas, a escravidão não acabou. Ainda existe a exploração humana pelo ser humano e isso ainda precisa ser mudado.

2- Por que o senhor considera importante pesquisar aspectos regionais do nosso passado?

Para valorizar a diversidade que existe em nosso país. O Brasil foi construído pelos brasileiros, dentre eles, os escravos e seus descendentes. Também é necessário compreendermos que para chegarmos a esta realidade levou-se muito tempo, com muitas lutas, muitos sacrificados e muitos mártires. Afinal, as lutas dos estados fazem parte do nosso país.

3- Quem eram os homens mortos na Revolta dos Búzios? Qual o perfil de cada um deles?

Sentenciados à força foram somente quatro homens: Lucas Dantas de Amorim Torres, Manuel Faustino de Santos Lira, Luiz Gonzaga das Virgens e João de Deus do Nascimento. Considero Lucas Dantas o grande sedioso de 1798. Eles eram jovens negros e pardos – a maioria dos revoltosos. Lucas Dantas, assim como Luiz Gonzaga, era soldado e estava indignado por receber salários menores que os outros soldados, por ser filho de escrava. Lucas trabalhava com madeira e fazia cacetetes. Era vizinho de Manoel, um jovem de 18 anos, afilhado de uma senhora de engenho. Como Lucas sofria preconceito procurava adeptos para lutar contra a escravidão. João de Deus era alfaiate. Ele e Luiz Gonzaga eram filhos de escravos, mas libertos há muito tempo. Gonzaga já era alfabetizado e foi ele quem concentrou pessoas para pegarem em armas e paus e lutarem contra a condição que o país estava. É importante destacar que o movimento também reunia intelectuais, comerciantes, militares e proprietários de fazendas de cana e engenhos de açúcar que não estavam satisfeitos com a situação. Essas pessoas tinham facilidade em se informar sobre a Revolução Francesa e a liderança

de Napoleão Bonaparte e assim levavam essas informações às reuniões contestatórias.

4- Entre eles havia pessoas do interior da Bahia? Qual o papel do Recôncavo baiano nesta luta?

Sim. Havia pessoas de Santo Amaro, Maragogipe, Cachoeira e São Francisco do Conde. Eles foram muito importantes tanto para esta ação quanto na independência da Bahia, em 1823, acrescentando os municípios de Nazaré das Farinhas, Jaguaripe assim como de Caetité e de outros pedaços do sertão e da Chapada Diamantina.

5- Por que a grande mídia, e em especial a historiografia oficial, não dá a Revolta dos Búzios o espaço merecido na luta pela igualdade e transformação do Brasil? Por que a Inconfidência Mineira ficou mais conhecida?

Devido às deformações no ensino da história do Brasil e das diferenças regionais que ainda temos em nosso país. Os estados do sudeste, como São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, ganharam destaque, principalmente, por causa da Proclamação da República. Além disso, tem a questão de que os inconfidentes mineiros, na maioria, pertenciam às classes dominantes e não lutavam contra a escravidão.

6- O senhor considera importante o ensino de histórias regionais nas escolas?

Sim. No caso de 1798 considero este estudo indispensável. É necessário que os alunos leiam e discutam mais sobre isto e que fique claro que a Bahia, assim como outros estados do Nordeste, construiu o nosso Brasil. Saibam e discutam que aqui tivemos um movimento muito importante na história.

7 - A questão racial foi um dos pontos fortes da Revolta e até hoje este assunto é debatido. Como o senhor percebe essa questão nos dias de hoje e qual o recado o senhor deixa para os jovens que lutam pelos direitos humanos, sociais e políticos da sociedade?

Eu partilho da afirmativa de que todos nós somos brasileiros, não importando a cor da pele. O que importa é que nascemos no mesmo país e construímos a história do Brasil juntos. Infelizmente essa indiferença ainda existe nos dias de hoje.



REFLEXÃO DA PROMESSA DE IGUALDADE

Agosto de 2011. Há 213 anos, Salvador acordava com um pedido de liberdade: “Está para chegar o tempo feliz da nossa igualdade, o tempo em que todos seremos irmãos”. Em 12 de agosto de 1798, o povo protestava contra as desigualdades e reivindicava direitos e oportunidades iguais para todos. E ainda lutamos por isso nos dias de hoje.

Quatro heróis negros se destacaram naquela luta. João de Deus, Lucas Dantas, Manuel Faustino e Luís das Virgens foram presos, con-

denados, mortos, esartejados e esquecidos. Percebemos que a Revolta dos Búzios ainda é pouco comentada, debatida, discutida. Nas escolas, nossas crianças aprendem sobre o herói Tiradentes, um homem branco e mais próximo da imagem das elites da época.

Naquela época a dominação colonial portuguesa muito nos prejudicava. Cobrança de altos impostos, restrições econômicas, limitações políticas e uma grande discriminação racial: os negros, quando trabalhavam, recebiam menos que os brancos cumprindo a mesma função. O povo precisava de dias melhores. E mesmo após a independência do Brasil se mantinha um entrave autoritário e escravocrata contra os africanos.

A Revolta dos Búzios foi uma resposta dos jovens, negros, mestiços, brancos e pobres, contra um sistema desigual. Homens e mulheres estavam envolvidos com a construção da igualdade, da democracia, da abolição da

escravatura e escrevendo os primeiros documentos brasileiros a clamar por liberdade total.

Mas, e nos dias de hoje? Quais mudanças ocorreram? Como a igualdade se materializa no país? A população negra ainda luta por igualdade, por melhores condições de trabalho, por salários equiparados, por espaço nas universidades.

É importante pensar numa igualdade para além do senso comum, que não significa estar na constituição. Educação, saúde, riquezas, alimentação, segurança e prosperidade. Todos nós somos brasileiros, somos irmãos. E vamos nos orgulhar dos nossos feitos, da nossa cultura, e de termos hoje o reconhecimento dos quatro baianos que se tornaram heróis nacionais. Afinal, a independência começou aqui.

Convido a todos a refletirem sobre a promessa de igualdade.

João Jorge

Mestre em Direito Público e Presidente do Bloco Afro
Olodum



AGOSTO DE LIBERDADE E IGUALDADE

Poucas pessoas têm a devida consciência de que dos 511 anos de existência do Brasil, quase 380 deles foram de vivência em um regime escravocrata. A consequência imediata disso foi que o racismo, a discriminação e os preconceitos raciais estruturaram as relações sociais no Brasil e nas Américas. Se de um lado, os povos que foram trazidos da África para serem escravizados no Novo Continente trouxeram consigo um legado civilizatório que é parte constitutiva e importante da nação brasileira, por outro, o contexto histórico da escravidão tem, historicamente, trazido reflexos profundos para a ascensão social do negro até os dias atuais.

Por isso, o compromisso em buscar construir a igualdade tem sido o marco das políticas públicas nacionais nos últimos oito anos e na Bahia, com o Governo do Estado a partir de 2007, esse compromisso tem sido mais explícito por se tratar de um estado de maioria negra. O grande desafio, portanto, é transpor essas iniciativas em ações efetivas e é o que tem pautado a gestão até agora.

Além de termos instituições como a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (Sepromi), que tem como objetivo levar para o centro do debate político do Estado da Bahia as questões de inclusão racial, podemos afirmar que o projeto político do atual governo baiano, em aliança com o projeto político do Governo Federal, apresenta para as mais diversas áreas do aparelho de Estado a necessidade de termos atentado para o desenvolvimento da cidadania plena que só pode ser concretizada com a garantia de direitos de todos e todas, com a observância das características históricas e particulares do nosso povo.

Como exemplo emblemático dessa questão, temos a ratificação da importância do 2 de Julho como importante data simbólica e definidora da independência do Brasil e da Bahia. Além dessa data, temos a recente sanção pela presidenta Dilma do Projeto de Lei 12.391, que resultou na inclusão dos nomes de João de Deus, Lucas Dantas, Manuel Faustino e Luiz Gonzaga no Panteão dos Heróis Nacionais, o que demonstra, de forma inequívoca, um reconhecimento da representatividade que esses heróis negros baianos tiveram, e ainda têm, na construção da nossa democracia e de nossa história social, política e econômica.

A inscrição dos líderes da Revolta dos Búzios no livro de heróis da pátria foi resultante de uma articulação bem-sucedida a partir da provocação do movimento negro, e da proposição do Projeto de Lei. Depois de todo o processo legislativo, finalmente, a iniciativa se transformou em Lei. É esse tipo de relação que, na Sepromi, pretendemos fortalecer e aprofundar. O presente material se configura no início de um trabalho no qual buscaremos registrar, sempre que possível, o diálogo com aquelas iniciativas oriundas do movimento social. Iniciativas essas que não apenas tenham convergência e aderência com as competências da Secretaria, mas cujas políticas a elas relacionadas possam ser anunciadas de maneira objetiva.

É com o exemplo dos mártires da Revolta dos Búzios que nós podemos alicerçar as nossas iniciativas de afirmação e luta contra o racismo e a desigualdade racial e todas as demais formas de intolerância, enfatizando uma atuação que procura estar concatenada com o debate oriundo do movimento social. Isso porque, é visível toda a mobilização que a comunidade negra tem demonstrado na construção de uma história mais verdadeira para o nosso povo e para não correremos os riscos de esquecer de onde tem emanado essa construção democrática.

Secretaria de Promoção da Igualdade Racial do Estado da Bahia

EXPEDIENTE DIALOGOS COM A SOCIEDADE

EDIÇÃO Nº 1

A Revolta dos Búzios – uma publicação da Secretaria de Promoção da Igualdade Racial.

Governador:
Jaques Wagner

Vice-governador:
Otto Alencar

Secretário de Promoção da Igualdade Racial:
Elias de Oliveira Sampaio

Assessora de Comunicação:
Wendy Katayose

Equipe de Comunicação:
André Frutuoso (jornalista / DRT3339) Péricles Viana (publicitário) Rebeca Brito (estagiária)

Pesquisa e contribuição de conteúdo: João Jorge (presidente do Olodum), Juliana Costa (jornalista / DRT3186), Ana Luiza Araújo Caribé de Araújo Pinho (historiadora) e Fundação Pedro Calmon.

Bibliografia de apoio:
ARAÚJO, Ubiratan Castro de. A Bahia no tempo dos Alfiates. In: II Centenário da Sedição de 1798 na Bahia. Salvador; Academia Baiana de Letras; 1999, p. 07-19.

JANCSÓ, István. O "1798" baiano e a crise do Antigo Regime português. In: II Centenário da Sedição de 1798 na Bahia. Salvador; Academia Baiana de Letras; 1999, p. 51-76.

_____. Na Bahia, contra o Império; história do ensaio da sedição de 1798. São Paulo: HUCITEC/EDUFBA, 1995.

RUY, Affonso. Primeira Revolução Social Brasileira. 2ª ed. São Paulo; Ed. Nacional; 1978.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Conflitos raciais e sociais na sedição de 1798 na Bahia. In: II Centenário da Sedição de 1798 na Bahia. Salvador; Academia Baiana de Letras; 1999; p. 37-49.

TAVARES, Luís Henrique Dias. História da Bahia. 10ª ed. Salvador; São Paulo; UNESP; Edufba, 2001.

_____. História da sedição tentada na Bahia em 1798. São Paulo; Livraria Pioneira Ed., 1975.

Crédito das fotos:
Antônio de Jesus, Juliana Costa, André Frutuoso

Ilustração:
Péricles Viana e Maurício Pestana

Diagramação e Produção gráfica:
Tempo Propaganda

Tiragem:
3.000 exemplares